

EDUCAÇÃO LIBERTADORA: FUNDAMENTOS E APLICAÇÕES NO CONTEXTO EDUCACIONAL

LIBERATING EDUCATION: FOUNDATIONS AND APPLICATIONS IN THE EDUCATIONAL CONTEXT

Arlete Alves dos Santos¹

Maria Lúcia de Oliveira Peruzzo²

Odete Aparecida Sperandio³

Maria Antônia de Freitas Miranda⁴

Rozineide Iraci Pereira da Silva⁵

RESUMO: A educação libertadora, fundamentada na pedagogia de Paulo Freire, busca a formação de pessoas críticas por meio do diálogo, da conscientização e da independência no aprendizado. Diferente da educação bancária, que reproduz conhecimento de forma passiva, essa abordagem incentiva a participação ativa dos estudantes na construção do saber. O uso de temas geradores e metodologias como círculos de cultura e aprendizagem baseada em projetos favorecem uma educação transformadora, capaz de impactar positivamente a sociedade. A implementação dessa pedagogia enfrenta desafios estruturais, mas seu potencial de transformação social a torna essencial para a formação de indivíduos engajados na mudança do mundo ao seu redor.

Palavras-chave: Educação libertadora. Paulo Freire. Diálogo. conscientização crítica. Autonomia. Temas geradores. Transformação social. Círculos de cultura. Aprendizagem ativa.

1

ABSTRACT: Liberating education, grounded in Paulo Freire's pedagogy, seeks to develop critical individuals through dialogue, awareness-raising, and independence in learning. Unlike banking education, which reproduces knowledge passively, this approach encourages students' active participation in the construction of knowledge. The use of generative themes and methodologies such as culture circles and project-based learning supports a transformative education capable of positively impacting society. Although the implementation of this pedagogy faces structural challenges, its potential for social transformation makes it essential for forming individuals committed to changing the world around them.

Keywords: Liberating education. Paulo Freire. Dialogue. Critical awareness. Autonomy. generative themes. Social transformation. Culture circles. Active learning.

¹ Graduada em Letras Literatura UNIR Especialização em Gestão Escolar UNIR. Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Christian Business School.

² Licenciada em Pedagogia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR – 2004. Pós-graduada “Latu Sensu” em Especialização em Educação Infantil e Alfabetização pelo Instituto Cuiabano de Educação – 2005. Coautora Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Christian Business School.

³ Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Christian Business School. Licenciada em História e especialização em História Contemporânea.

⁴ Superior em matemática Especialização em Educação e novas tecnologias Mestrando em Ciências da Educação Cristian Business School.

⁵ Orientadora. PhD. Doutora em ciências da educação. Mestra em ciências da educação. Especialista em escrita avançada, psicopedagoga, pedagoga, Professora e orientadora da Christian Business School - CBS.

I. INTRODUÇÃO

A educação tradicional, historicamente consolidada nos sistemas escolares convencionais, estrutura-se em torno de práticas pedagógicas que privilegiam a transmissão verticalizada do conhecimento.

Esse tratamento de informação, vastamente criticada por educadores progressistas, tende a reproduzir o chamado modelo bancário de ensino, expressão cunhada por Paulo Freire (1987) para denunciar a lógica em que o professor assume o papel de detentor exclusivo do saber, enquanto o aluno é visto como um receptáculo vazio, pronto para receber depósitos de informação.

Nesse modelo, o processo educativo se reduz à memorização mecânica de conteúdos, desconsiderando a capacidade crítica, criativa e reflexiva do educando. O que não é mais priorizado no sistema educacional Brasileiro atualmente.

Para Freire, ensinar não é simplesmente passar conhecimento pronto, mas abrir caminhos para que todos possam construir esse saber juntos, é o que é expandido pelas instituições educacionais atuais.

A prática pedagógica libertadora assume uma atitude crítica diante do processo educativo. Como afirma o autor, “A prática pedagógica libertadora exige que o educador reconheça o aluno como sujeito histórico, capaz de interpretar o mundo e agir sobre ele. Nesse sentido, o ato de educar torna-se um exercício de liberdade, de conscientização e de transformação.” Essa forma de ver reforça que ensinar não é só transmitir conteúdos, mas criar formas para o estudante entender sua realidade e reaja para transformá-la.

A pedagogia freiriana não se limita à crítica do modelo bancário; ela propõe uma alternativa radicalmente humanizadora, em que o entendimento é construído a partir da experiência concreta dos sujeitos, em diálogo com os saberes científicos e culturais.

Como destaca Gadotti (2005), essa abordagem ultrapassa os limites da simples transmissão de conteúdos escolares, pois busca promover a emancipação socio cultural dos educandos, estimulando sua capacidade de compreender criticamente as estruturas sociais e de interviro nelas de forma consciente e transformadora.

A educação libertadora, portanto, não se restringe ao espaço da sala de aula. Ela se inscreve em um projeto político-pedagógico que visa à formação de pessoas autônomas, humanitários e dedicados com a justiça social.

Para a efetivação da proposta ocorrer, é preciso que os educadores estejam atentos ao entendimento produzido no cotidiano dos alunos, valorizando suas vivências, suas culturas e suas formas de expressão.

Isso envolve entender que todo conhecimento é situado, contextualizado e carregado de intencionalidade. Então, torna-se necessário observar e misturar o entendimento que vem da prática da educação libertadora.

Esses saberes não são apenas teóricos, mas também éticos, estéticos e políticos. Eles dizem respeito à forma como o educador se posiciona diante do mundo, como constrói sua relação com os alunos e como comprehende a atuação da escola na sociedade.

A educação libertadora exige, portanto, uma postura pedagógica comprometida com a transformação da realidade, com a construção de vínculos afetivos e com a promoção de uma cultura de paz, respeito e solidariedade.

Ao romper com a lógica da domesticação e da reprodução, a pedagogia libertadora abre espaço para a criação de ambientes educativos mais democráticos, participativos e inclusivos na escola.

Nesses espaços, o conhecimento deixa de ser um fim em si mesmo e passa a ser um instrumento de leitura crítica do mundo e de ação transformadora. É o pressuposto das orientações atuais da educação para o aprendizado.

O educador, por sua vez, deixa de ser só transmissor de conteúdos e assume a responsabilidade de ser o mediador, de provocador de sentidos, de companheiro na caminhada formativa dos educandos.

Baseado ao que já foi exposto até aqui se percebe com isso que o educando tem a liberdade de conhecer e discutir com os educadores de igual para igual e assim adquire o conhecimento de forma construtiva.

Assim, a educação libertadora não é apenas uma metodologia, mas uma filosofia de vida, com princípios que orientam o cuidado e a escuta, uma política de resistência e de esperança.

Ela nos convida a rever o que é a escola, a reconstruir as relações pedagógicas e a reinventar as formas de ensino-aprendizagem a partir de uma visão humanizada, crítica e emancipatória.

Com isso se torna necessária o estudo realizado no artigo, pois logo adiante se dará a fundamentação e discussão sobre o tema, baseada na metodologia indicada a seguir:

2. METODOLOGIA

A pesquisa é contextualizada em um tratamento qualitativo, de natureza teórica, direcionada pela realização de uma revisão bibliográfica rígida e sistemática. Com este contexto a pesquisa se torna adequada aos estudos de Freire, que tem uma vasta coleção sobre este assunto, pois é o precursor deste tema.

A seleção das fontes contempla tanto obras clássicas quanto produções contemporâneas que dialogam diretamente com os princípios da educação libertadora, permitindo uma compreensão ampla e contextualizada da temática.

O percurso investigativo prioriza os escritos de Paulo Freire, cuja obra representa um marco na construção de uma pedagogia crítica, emancipadora e vinculada com a mudança social.

Seus textos constituem o eixo central da análise, oferecendo subsídios teóricos para a reflexão sobre os fundamentos ético-políticos e metodológicos que sustentam essa concepção educativa.

A escolha por Freire como referência principal não se dá apenas pelo reconhecimento de sua relevância histórica, mas pela atualidade de suas ideias frente aos desafios educacionais contemporâneos.

Sua proposta de uma educação dialógica, problematizadora e centrada na conscientização dos sujeitos continua a inspirar práticas pedagógicas que buscam romper com modelos autoritários e reprodutores, promovendo uma formação crítica e participativa.

Complementarmente, foram examinados artigos científicos recentes, publicados em periódicos acadêmicos nacionais e internacionais, que tratam da aplicação prática dos pressupostos freirianos em diferentes circunstâncias educacionais — envolvendo escolas públicas, projetos comunitários, movimentos sociais e experiências de educação popular.

Esses estudos empíricos oferecem uma perspectiva concreta sobre como os princípios da educação libertadora têm sido incorporados, adaptados e ressignificados em situações reais de ensino-aprendizagem, tornando o artigo rico em pesquisa.

A análise dessas produções permite não apenas identificar os avanços e contribuições da pedagogia freiriana, mas também reconhecer os limites, tensões e desafios que emergem na tentativa de operacionalizar seus conceitos em ambientes marcados por desigualdades, burocracias institucionais e resistências culturais.

Ao articular teoria e prática, este estudo busca construir uma leitura crítica sobre a aplicabilidade da educação libertadora, considerando suas implicações nas dinâmicas escolares

e comunitárias, bem como seu potencial transformador na formação de sujeitos autônomos, conscientes e socialmente engajados.

Nos tópicos seguintes, serão discutidos os principais achados dessa investigação, com destaque para as estratégias pedagógicas inspiradas na obra de Freire, os impactos observados na relação entre educadores e educandos, e as possibilidades de construção de uma escola mais democrática, inclusiva e comprometida com a justiça social.

3. FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

3.1. O Papel do Diálogo

Segundo Paulo Freire (1970), o diálogo é muito mais do que uma ferramenta comunicativa no contexto educacional — ele é a essência da prática pedagógica libertadora. Trata-se de um ato profundamente humanizador, que rompe com a lógica vertical e autoritária do ensino tradicional, ao promover uma relação de escuta ativa, empatia e reconhecimento mútuo entre os sujeitos envolvidos no processo educativo.

O diálogo, nessa perspectiva, não se limita à troca de informações, mas constitui-se como um espaço de encontro entre consciências, onde se constrói conhecimento de forma coletiva e crítica.

Ao defender o diálogo como fundamento da educação, Freire propõe uma pedagogia que valoriza a palavra como instrumento de transformação. A palavra, quando pronunciada com consciência e intenção, torna-se ação — *práxis* — capaz de modificar a realidade.

Nesse sentido, o ato de dialogar não é neutro: ele carrega uma dimensão ética e política, pois implica o reconhecimento do outro como sujeito de saber, como alguém que tem algo a dizer e cuja experiência merece ser escutada e considerada.

Na interação dialógica entre educador e educando, desfazem-se as barreiras hierárquicas que tradicionalmente separam quem ensina de quem aprende. Ambos se tornam sujeitos do processo, aprendizes e ensinantes ao mesmo tempo, em uma relação horizontal que valoriza os saberes construídos na vivência, na cultura e na história de cada indivíduo.

Essa concepção quebra o modelo bancário de ensino — em que o professor deposita conteúdos prontos na mente do aluno — e inaugura uma prática pedagógica baseada na problematização da realidade, na reflexão crítica e na construção compartilhada do conhecimento.

Freire alega que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1970, p. 78). Essa frase sintetiza a essência

da educação dialógica, que é um processo coletivo, mediado pela realidade concreta, em que todos os envolvidos são convidados a refletir sobre suas condições de existência e a buscar caminhos para sua superação.

Como já foi dito, dialogar, portanto, não é só técnica pedagógica, mas uma conduta diante do mundo. Ele exige abertura, humildade, disponibilidade para aprender com o outro e vontade de criar conhecimento em conjunto.

Na prática educativa, isso se traduz em ambientes escolares que favorecem a participação, o respeito à diversidade, a valorização dos saberes populares e o estímulo à autonomia intelectual dos estudantes.

Ao promover o diálogo como princípio educativo, Freire também aponta para a necessidade de uma escola democrática, que reconheça os sujeitos como protagonistas de sua formação e que esteja imbuída com a transformação social.

O acesso para a sensibilização está no diálogo, processo pelo qual os indivíduos tomam consciência de sua realidade, talento e aptidão de interferir no mundo. A atualidade ainda está marcada por desigualdades, intolerância e autoritarismo, ratificar o diálogo como fundamento da educação é um movimento de resistência e de esperança.

Então crer que a escola pode ser um local de encontro, de construção coletiva e de formação de sujeitos críticos, altruísta e empenhado com a justiça social. Tudo isso ainda se encontra atemporal, pois ainda é encontrado barreiras para este processo de ensino-aprendizagem.

3.2. Conscientização e Transformação Social

A educação libertadora, conforme os fundamentos estabelecidos por Paulo Freire (1987), tem como eixo central a formação da consciência crítica dos educandos, entendida como a capacidade de compreender a realidade em sua complexidade, identificar os mecanismos de opressão que a sustentam e promover mudanças duradouras. Trata-se de uma proposta pedagógica que não se limita à transmissão de conteúdos escolares, mas que busca promover o desenvolvimento de sujeitos autônomos, reflexivos e politicamente engajados.

Ao romper com a lógica tradicional do ensino bancário — modelo em que o professor deposita saberes prontos na mente do aluno, concebido como um recipiente passivo — a pedagogia libertadora propõe uma aprendizagem dialógica, horizontal e participativa.

Nesse processo, o educando deixa de ser mero receptor de informações e passa a ocupar um lugar ativo na construção do conhecimento, contribuindo com suas vivências, saberes e interpretações do mundo.

O diálogo, é uma técnica didática, que contem princípio ético e político que orienta toda a prática educativa. A problematização do contexto social, cultural e político em que o sujeito está inserido é um dos pilares dessa abordagem.

Ao partir da realidade concreta dos educandos, a educação libertadora permite que eles reconheçam as contradições que passam em suas vidas e desenvolvam formar coletivas para superá-las.

Essa leitura crítica da realidade é o que Freire denomina como “conscientização” — processo pelo qual o indivíduo toma consciência de sua condição histórica e assume a posição de transformá-la.

Miguel Arroyo (2011) reforça essa perspectiva ao afirmar que a pedagogia libertadora é essencial para a constituição de sujeitos comprometidos com a justiça social, o equilíbrio e a transformação das estruturas sociais. Para ele, a escola deve ser um lugar de resistência e de produção de sentidos, onde os educandos possam se reconhecer como protagonistas de sua história e como agentes de mudança.

A educação, nesse sentido, não é neutra: ela está sempre a serviço de um projeto de sociedade, e cabe ao educador escolher se deseja reproduzir a ordem vigente ou contribuir para sua superação.

A pedagogia libertadora transcende, portanto, os limites do ensino convencional. Ela não se limita à sala de aula, nem se restringe aos conteúdos curriculares. Seu alcance é mais amplo, pois envolve a formação ética, política e estética dos sujeitos, promovendo uma educação integral que considera o ser humano em sua totalidade.

Ao articular teoria e prática, conhecimento e experiência, razão e emoção, essa abordagem propõe uma nova forma de pensar e viver a educação. Contextualizando o enfoque que se tem com toda a pesquisa executada.

Além disso, a pedagogia libertadora reconhece a diversidade do que se conhece e valoriza os entendimentos construídos nas comunidades, nos movimentos sociais e nas práticas culturais populares. Ela arrebenta a visão eurocêntrica e elitista do conhecimento escolar, promovendo uma educação intercultural, inclusiva e plural.

Ao legitimar os saberes dos grupos historicamente marginalizados, essa concepção contribui para a estruturação de uma escola mais democrática e comprometida com a justiça cognitiva.

Entre as crises sociais, políticas e ambientais, as ideias de Paulo Freire ficam mais obvias. Hoje ainda se convive com problemas como o aumento da desigualdade, a perda de direitos, o autoritarismo e a desinformação, e tudo isso mostra como a educação libertadora continua sendo crucial para formar pessoas com pensamentos legítimos para agir em conjunto para minimizar estes acontecimentos.

Como Freire reitera, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Essa interpretação mostra a importância que a educação ajude cada pessoa a compreender melhor a realidade em que vive e a se envolver, de verdade, na criação de uma sociedade mais equilibrada, solidária e comprometida com o futuro do planeta.

Portanto o professor é fundamental no processo referente a educação. Assumindo uma postura ética e verdadeiramente política em sua essência, ele transforma a realidade dando o verdadeiro valor ao que o aluno traz consigo.

Mais do que ensinar conteúdos, o professor deve ter condições para que os alunos se tornem conscientes de sua potência e de sua responsabilidade social. Como afirma Freire (1987), “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, exige alegria e esperança, exige ética e estética”.

Essa perspectiva nos chama a repensar a escola como um lugar de conversa verdadeira, de escuta atenta, de acolhimento e de estruturação coletiva do conhecimento.

Como Paulo Freire dizia, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatisados pelo mundo.” Essa ideia reforça que aprender é sempre um processo compartilhado.

Ao colocar o estudante no centro do processo instrutivo, essa abordagem promove uma educação mais significativa, mais humana e mais transformadora essencial para os tempos atuais, em que a escola ainda é refém e está presa, subordinada a algo que limita seu potencial com os interesses políticos e econômicos que prende a potencialidade da escola e evolução do saber.

3.3. O Conceito de Educação Libertadora

A educação libertadora, delineada por Paulo Freire (1970), apresenta uma proposta pedagógica profundamente crítica e transformadora, que se contrapõe frontalmente ao modelo tradicional de ensino — denominado por ele como educação bancária.

Nesse paradigma convencional, o professor assume a posição de detentor exclusivo do saber, limitando-se a depositar conteúdos de forma mecânica e passiva na mente dos estudantes, vistos como receptáculos vazios.

Em oposição a essa lógica autoritária e hierárquica, Freire propõe uma pedagogia centrada no diálogo, na construção coletiva do conhecimento e na valorização das vivências dos educandos.

O processo educativo, nesse contexto, é entendido como uma prática de liberdade, em que o aprender decorre da troca de experiências significativas, da escuta sensível e da problematização da realidade.

Por meio da reflexão crítica sobre o mundo em que vivem, os sujeitos são incentivados a atuar como agentes transformadores, comprometidos com a emancipação social e a justiça.

3.4. A representação do Educador e do Educando

9

No paradigma da educação libertadora, conforme delineado por Paulo Freire e aprofundado por pensadores como Moacir Gadotti, o papel do educador sofre uma transformação significativa. Ele deixa de ser o dono exclusivo do conhecimento, cuja função se restringe à transmissão de conteúdos prontos, e passa a atuar como mediador, facilitador e co-construtor do conhecimento.

Essa mudança de postura rompe com a lógica vertical e autoritária do ensino tradicional, abrindo espaço para uma prática pedagógica mais democrática, dialógica e humanizadora.

Ao assumir essa nova função, o educador reconhece que o conhecimento não é algo que se transfere mecanicamente, mas que se constrói coletivamente, a partir da interação entre sujeitos históricos e conscientes.

Vendo pelo lado da educação que liberta o estudante de ser alguém que recebe informações, mas é ativo no próprio processo de aprender. Aos poucos, começa a compreender o que estuda, a levantar dúvidas, a pesquisar por conta própria e a relacionar o conteúdo com aquilo que já viveu e conhece. Fato, ele não só participa, mas assume a responsabilidade pela própria aprendizagem.

Nesse contexto, a aprendizagem deixa de ser um processo unilateral e passa a ser compreendida como uma construção conjunta, fundamentada na escuta sensível, no respeito às vivências dos educandos e na valorização dos conhecimentos que eles já possuem.

A sala de aula transforma-se em um espaço de diálogo, onde diferentes vozes são acolhidas e onde o saber é produzido a partir da problematização da realidade concreta.

Como destaca Gadotti (2005), essa relação horizontal entre docente e discente é essencial para o desenvolvimento da autonomia intelectual e da consciência crítica. Ao romper com a hierarquia rígida que tradicionalmente separa quem ensina de quem aprende, a educação libertadora promove uma convivência pedagógica mais equitativa, em que todos os envolvidos são reconhecidos como sujeitos de saber.

Essa horizontalidade não implica ausência de responsabilidade por parte do educador, mas sim uma redistribuição dos papéis, em que o professor orienta, provoca, escuta e aprende junto com seus alunos.

A autonomia intelectual, nesse sentido, não é entendida como independência absoluta, mas como capacidade de pensar por si mesmo, de tomar decisões fundamentadas, de posicionarse diante dos desafios do mundo com criticidade e responsabilidade. A consciência crítica, por sua vez, emerge da reflexão sobre a realidade, da identificação das estruturas de opressão e da disposição para transformá-las por meio da ação coletiva.

A educação libertadora não se limita à aquisição de competências técnicas ou ao domínio de conteúdos escolares, mas busca formar cidadãos comprometidos com a justiça social, com a equidade e com a construção de um mundo mais solidário e democrático.

A proposta exige, revisão das práticas pedagógicas, dos currículos escolares e da formação docente. O educador libertador tem que estar preparado para lidar com a diversidade, para acolher os saberes populares, para construir pontes entre o conhecimento formal e a realidade dos alunos.

Ao colocar o diálogo, a escuta e a valorização da experiência no centro do processo educativo, a pedagogia libertadora nos convida a repensar a função da escola na sociedade atual. Ela propõe uma educação que não apenas informa, mas que forma; que não apenas transmite, mas que transforma; que não apenas ensina, mas que emancipa.

3.5. Temas Geradores e Contexto Social

Paulo Freire (1970), em sua proposta pedagógica libertadora, atribui papel central aos temas geradores como instrumentos metodológicos que conectam o processo educativo à realidade concreta dos educandos.

Os temas não são escolhidos de qualquer forma, mas saem da escuta atenta e do diálogo com os sujeitos da aprendizagem, sendo extraídos diretamente de suas vivências cotidianas, dos desafios que enfrentam e dos contextos socioculturais em que estão inseridos. Por isso, constituem pontos de partida legítimos e potentes para a construção do conhecimento, pois carregam sentido, relevância e vínculo com a vida real.

Ao incorporar conteúdos que dialogam com o universo dos alunos, o ensino deixa de ser uma atividade descolada da existência e passa a ser uma prática significativa, capaz de mobilizar o interesse, a curiosidade e o engajamento crítico dos educandos.

Essa interpelação rompe com a tradicionalidade de ensino, marcada pela transmissão vertical e autoritária do saber, e propõe uma pedagogia horizontal, que conversa e participativa, em que os sujeitos são reconhecidos como portadores de saberes e como protagonistas de sua formação.

Os temas geradores, nesse sentido, não apenas orientam o conteúdo a ser trabalhado, _____ 11 mas também funcionam como dispositivos de problematização da realidade.

Eles convidam os estudantes a refletirem sobre as estruturas sociais, econômicas, culturais e políticas que os cercam, estimulando a interpretação crítica do mundo e a construção de alternativas transformadoras.

Como afirma Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e é a partir dessa leitura que se inicia o processo de conscientização do ser humana. Hoje em dia necessário a todos os meios.

Essa metodologia exige do educador uma postura investigativa e sensível, capaz de identificar os elementos significativos da realidade dos alunos e de transformá-los em conteúdos pedagógicos.

O professor passa a atuar como um pesquisador do próprio cotidiano, alguém que aprende e constrói junto com os estudantes um currículo vivo, flexível e conectado à realidade.

Então fica evidente que essa forma de trabalhar aproxima a escola da comunidade e valoriza tanto o conhecimento acadêmico quanto o saber popular. Como lembra Paulo Freire,

“não há docência sem discência”, reforçando que ensinar e aprender são processos que acontecem em conjunto.

Os temas geradores também favorecem o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, já que permitem que elas se encontrem a partir de questões reais e cheias de complexidade. Em vez de dividir o saber em partes isoladas, essa proposta busca uma aprendizagem mais integrada, em que os conteúdos se relacionam e se fortalecem mutuamente.

Isso ajuda no desenvolvimento de capacidades cognitivas, sociais e éticas, essenciais para formar pessoas críticas e participativas. Como Paulo Freire afirmava, “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.”, lembrando que educar-se e atuar caminham juntos.

Desse modo, o ato de aprender transforma-se também em ato de transformação. A educação deixa de ser um processo de adaptação à ordem vigente e passa a ser um lugar de resistência, de criação e de emancipação.

Em tempos de profundas desigualdades e de negação de direitos, reafirmar essa proposta é um gesto de esperança e de compromisso ético com a formação de sujeitos livres e conscientes.

Profundamente contemporâneo este contexto não deve ser esquecido e nem deixado de lado por pensadores e educadores, sempre voltado a ética, política e pedagogia efetivamente.

12

3.6. Educação Libertadora e Transformação Social

A pedagogia libertadora, conforme os princípios delineados por Paulo Freire, ultrapassa os limites físicos e simbólicos da escola como instituição formal. Ela não se restringe ao espaço da sala de aula nem ao currículo tradicional, mas se configura como uma prática educativa ampla, que se estende aos diversos contextos sociais, culturais e políticos nos quais as pessoas estão incorporadas.

Trata-se de uma concepção de educação que reconhece o caráter histórico e transformador do ser humano, e que, por isso, propõe um processo contínuo de conscientização, emancipação e engajamento ético.

Freire infere a educação como um ato político, nunca neutro, que pode servir tanto à reprodução das estruturas de dominação quanto à sua superação. Nesse sentido, a pedagogia libertadora assume um compromisso explícito com a transformação social, buscando formar sujeitos capazes de compreender criticamente os mecanismos de opressão que operam na sociedade e de atuar coletivamente na construção de alternativas mais justas e igualitárias.

Como destaca Arroyo (2011), a educação deve ser um dispositivo de formação de indivíduos conscientes, solidários e comprometidos com a justiça social.

Ao despertar a consciência crítica, essa abordagem transforma o educando em agente histórico, capaz de intervir no meio em que vive com responsabilidade e autonomia.

A pedagogia libertadora, portanto, não apenas transmite conhecimento, mas fomenta o engajamento ético, político e social dos sujeitos. Ela se consolida como uma ferramenta poderosa de luta pela equidade, pela cidadania plena e pela construção de uma sociedade mais democrática.

Ao reconhecer os educandos como protagonistas de sua formação e como sujeitos históricos em constante construção, essa abordagem promove uma educação que respeita a dignidade humana, valoriza a diversidade e estimula o compromisso com a transformação coletiva.

Em tempos de intensas desigualdades, crises sociais e ameaças à democracia, reafirmar os princípios da pedagogia libertadora é um gesto de resistência e de esperança.

4. APLICAÇÃO PRÁTICA DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

A efetivação da pedagogia libertadora, conforme os princípios freirianos, não se dá apenas no plano teórico, mas se concretiza por meio de práticas educacionais que promovem o protagonismo dos educandos e reconhecem a riqueza de seus contextos socioculturais.

Entre as metodologias que expressam essa proposta, destacam-se os Círculos de Cultura, concebidos por Paulo Freire como espaços horizontais de diálogo e reflexão.

Nesses círculos, educadores e educandos se reúnem para discutir temas significativos extraídos da realidade cotidiana, como trabalho, moradia, saúde, violência, direitos sociais, entre outros.

Além dos Círculos de Cultura, a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) tem se mostrado uma metodologia eficaz para concretizar os princípios da pedagogia libertadora.

Ao propor que os alunos investiguem problemas reais e elaborem soluções criativas e viáveis, a ABP estimula o pensamento crítico, independência de pensamento e de julgamento e o trabalho em equipe. Essa abordagem rompe com a fragmentação dos conteúdos escolares e promove uma aprendizagem que favorece ao ganho de sentido, adaptada à realidade e significativa.

Os projetos permitem que os educandos se envolvam com questões que afetam suas comunidades, desenvolvendo competências cognitivas, sociais e éticas de forma articulada.

Outra prática fundamental é a Educação Popular, que emerge como instrumento potente de democratização do conhecimento, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

Inspirada nas experiências de alfabetização de adultos e nos movimentos sociais, a Educação Popular reconhece os saberes construídos fora da escola, valoriza a cultura local e promove o empoderamento dos sujeitos.

Ao atuar em comunidades historicamente excluídas, essa abordagem contribui para a inclusão social, a mobilização coletiva e a construção de uma cidadania ativa. Como destaca Arroyo (2011), a Educação Popular é uma pedagogia da escuta, da presença e do compromisso com os que foram silenciados pela história.

Ao estimular o protagonismo dos educandos, essas práticas contribuem para o desenvolvimento de sujeitos críticos, conscientes e engajados na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Os impactos dessas práticas não se restringem ao indivíduo, mas reverberam na coletividade, fortalecendo os vínculos comunitários, promovendo a justiça social e ampliando as possibilidades de participação democrática.

A pedagogia libertadora, assim, revela-se como uma prática educativa profundamente humanizadora, capaz de transformar não apenas os sujeitos, mas também as esferas em que estão inseridos.

4.1. Currículo Emancipador

Na perspectiva da educação libertadora, conforme os fundamentos freirianos, o currículo escolar deve ser imaginado como um instrumento de transformação social e não como um conjunto rígido de conteúdos fragmentados e descontextualizados.

A proposta é superar a tradicional compartmentalização dos saberes em disciplinas estanques. Em seu lugar, propõe-se um currículo interdisciplinar, flexível e sensível às demandas sociais, culturais e históricas das pessoas que atuam no processo educativo.

Essa abordagem curricular tem como objetivo central promover uma aprendizagem significativa, que dialogue diretamente com os campos nos quais os alunos estão.

Ao reconhecer que o conhecimento não é neutro nem universal, mas situado e carregado de intencionalidade, a pedagogia libertadora defende que o currículo deve ser construído a partir da escuta ativa dos educandos, da valorização do que se sabe antes e das perguntas para as condições de vida que os cercam.

Gadotti (2005) reforça essa concepção ao destacar a importância de se organizar o ensino com base em temas geradores — conteúdos extraídos da vivência cotidiana da comunidade escolar, que despertam o interesse dos estudantes e possibilitam uma leitura crítica do mundo. Esses temas funcionam como eixos articuladores do currículo, permitindo a integração de múltiplas áreas do conhecimento e favorecendo o desenvolvimento da consciência crítica. Ao invés de partir de conteúdos impostos externamente, o currículo libertador parte da realidade dos sujeitos, promovendo uma educação que faz sentido, que mobiliza e que transforma.

A interdisciplinaridade, nesse contexto, não é apenas uma estratégia didática, mas uma postura epistemológica que reconhece a complexidade dos fenômenos sociais e a necessidade de abordá-los de forma integrada.

Ao articular diferentes saberes em torno de questões reais e significativas, o currículo libertador rompe com a fragmentação do conhecimento e promove uma formação mais ampla, que contempla as dimensões cognitivas, afetivas, éticas e políticas da aprendizagem.

Além disso, ao partir da realidade concreta dos sujeitos, o currículo libertador propicia não apenas a aquisição de saberes acadêmicos, mas também a construção de sentido e o engajamento dos educandos na transformação de suas próprias realidades. Os alunos deixam de ser vasos receptores de informações e são protagonistas de sua formação, capazes de interpretar criticamente o mundo e de atuar sobre ele com responsabilidade e compromisso social.

Trata-se de um currículo vivo, participativo e comprometido com a justiça social — um currículo que educa para a liberdade, para a independência e para a transformação.

Nos ensina Paulo Freire, “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses momentos, no processo, são da natureza da prática educativa como um todo” (FREIRE, 1996, p. 29). O currículo, nesse sentido, deve ser expressão dessa prática educativa integral, crítica e transformadora.

5. RESULTADOS ESPERADOS

A implementação da educação libertadora, fundamentada nos princípios da pedagogia proposta por Paulo Freire, representa não apenas uma inovação metodológica, mas uma verdadeira mudança de paradigma na forma de entender o processo educativo.

Ao romper com os modelos tradicionais de ensino bancário — nos quais o educando é tratado como recipiente passivo de informações — a pedagogia libertadora propõe uma prática educativa que valoriza o diálogo, a escuta ativa, a participação e a construção coletiva do saber.

Espera-se que, ao adotar tais premissas, a instituição escolar se reconfigure como um espaço de acolhimento ao aluno, de pluralidade de culturas e de construção democrática.

A educação libertadora não se limita à aquisição de competências cognitivas, mas busca formar indivíduos capazes de interpretar criticamente as estruturas sociais vigentes, identificar desigualdades, resistir a injustiças e participar ativamente da elaboração de uma sociedade justa, democrática e solidária. Trata-se de uma educação que não apenas prepara para o mundo, mas que contribui para sua reinvenção.

Conforme essa perspectiva, o educando não apenas adquire conhecimentos técnicos e científicos, mas também desenvolve habilidades sociais, éticas e políticas que o habilitam a intervir conscientemente em seu meio.

A formação integral proposta por Freire contempla o desenvolvimento da autonomia, da solidariedade, da responsabilidade e do compromisso com a coletividade. O conhecimento, nesse sentido, não é um fim em si mesmo, mas uma forma para a mudança da realidade.

O protagonismo estudantil é um dos pilares dessa abordagem, sendo estimulado por práticas pedagógicas que colocam o discente no meio da trajetória educacional.

Estratégias como os temas geradores, os círculos de cultura e a aprendizagem baseada em projetos são exemplos concretos de metodologias que promovem a participação ativa dos educandos, valorizam suas experiências e saberes, e favorecem a construção de uma consciência crítica.

Essas práticas rompem com a lógica da passividade e promovem o empoderamento dos sujeitos, fortalecendo sua capacidade de agir sobre o mundo com autonomia e responsabilidade.

Dessa maneira, a educação libertadora torna-se um instrumento essencial para a promoção da cidadania plena, da justiça social e da transformação das relações humanas.

Ela não se limita ao espaço escolar, mas se estende à vida em comunidade, às práticas sociais e às lutas coletivas por direitos e dignidade. Ao formar sujeitos conscientes, críticos e engajados, essa pedagogia contribui para a construção de uma sociedade mais equitativa, plural e solidária.

A consolidação da educação libertadora como prática pedagógica exige, contudo, um compromisso profundo por parte dos educadores, das instituições e das políticas públicas.

É necessário investir na formação docente, na flexibilização curricular, na valorização da diversidade cultural e na criação de ambientes escolares que favoreçam o diálogo, a escuta e a participação. A transformação da escola em espaço de emancipação não ocorre de forma espontânea, mas demanda esforço coletivo, reflexão crítica e ação política.

O modelo Paulo Freire de ensinar é atualíssimo em tempos de intensas desigualdades sociais, ameaças à democracia e negação de direitos, reafirmando os princípios da pedagogia libertadora torna-se um gesto de resistência e de esperança. É acreditar que a educação pode ser um caminho para a construção de um ambiente imparcial, humano e solidário. Como nos ensina Paulo Freire, “a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, 1996, p. 78).

CONCLUSÃO

A educação libertadora, alicerçada nos fundamentos da pedagogia crítica desenvolvida por Paulo Freire, representa uma ruptura epistemológica e política com os modelos tradicionais de ensino que ainda predominam em muitas instituições escolares.

Esses modelos, marcados pela transmissão unilateral do conhecimento, tratam o educando como um ser passivo, cuja função é apenas absorver informações inicialmente selecionadas e arranjadas pelo professor.

Essa ideia, conhecida como “educação bancária”, diminui o processo educativo a uma prática mecânica e desumanizada, desconsiderando a subjetividade, a cultura e a capacidade de perguntar dos alunos.

17

Em oposição a essa concepção, a pedagogia libertadora propõe uma educação centrada no diálogo, na escuta ativa e na construção coletiva do saber. O conhecimento, nesse paradigma, não é algo que se transfere, mas que se constrói na interação entre sujeitos históricos, conscientes e comprometidos com a transformação da realidade.

O educador deixa de ser o único detentor do saber e passa a ser um mediador, um facilitador que estimula a reflexão, a problematização e o protagonismo dos educandos.

Essa abordagem pedagógica não se limita à instrução técnica ou à preparação para o mercado de trabalho. Seu objetivo é mais profundo: formar sujeitos críticos, autônomos e socialmente engajados, capazes de interpretar o mundo em que vivem e de intervir nele de forma consciente e transformadora. A educação, nesse sentido, torna-se um ato político, um instrumento de liberação e de construção de cidadania.

Para que essa proposta se concretize, é fundamental o engajamento dos professores com uma prática pedagógica responsável com os princípios da democracia, inclusão e da justiça social.

Isso implica rever o papel da escola, repensar o currículo, adotar metodologias participativas e criar ambientes de aprendizagem que favoreçam o diálogo, a diversidade de

vozes e o reconhecimento das experiências dos alunos. A escola deve ser um local de acolhimento, de escuta e de construção coletiva, onde todos os sujeitos se sintam respeitados, reconhecidos e estimulados a aprender.

A educação libertadora exige, portanto, uma postura ética e política por parte dos educadores. Estando abertos ao diálogo, dispostos a aprender com os alunos e comprometidos com a estruturação de uma sociedade mais justa e igualitária, se tem a educação concreta.

A afirma Freire, “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses momentos, no processo, são da natureza da prática educativa como um todo” (FREIRE, 1996, p. 29). O ato de educar, nesse contexto, é também um ato de esperança, de resistência e de compromisso com a vida.

Ao promover uma educação emancipadora, a pedagogia libertadora prepara membros de sociedade conscientes, participativos e atuantes, capazes de enfrentar e solucionar os desafios e problemas do mundo contemporâneo com criticidade, solidariedade e responsabilidade.

Ela nos convida a repensar a escola como espaço de transformação, onde o conhecimento é construído com sentido, com afeto e com compromisso social. Trata-se de uma proposta que não apenas educa, mas que humaniza, que liberta e que transforma.

REFERÊNCIAS

18

- ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: imagens e autoimagens*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.



STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). *Dicionário Paulo Freire.* 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TORRES, Carlos Alberto. *Diálogo e educação libertadora: reflexões sobre Paulo Freire.* São Paulo: Cortez, 2014.

YIN, Robert K. *Pesquisa qualitativa: do início ao fim.* Porto Alegre: Penso, 2016.